



NOTÍCIAS DO GAVM

PARQUE DAS PISCINAS

**NESTE NÚMERO: ENTREVISTA A CARLOS PEREIRA - HISTORIADOR
"TOU XIM... É PARA MIM" - AINDA SE LEMBRA?**

EDITORIAL

Neste número, para além da notícia sobre o encerramento da época balnear 2021, quisemos trazer à conversa alguém que nos poderá ajudar a refletir sobre a possibilidade de tornar a Vila da Marmeleira, um lugar ainda mais aprazível, para nós, para os nossos familiares e também para os visitantes.

Poder utilizar os apoios para a Reabilitação Urbana da Vila da Marmeleira, e melhorar as nossas habitações, é sonho para todos. Pensemos nisso então...

E já agora, lembrar a evolução do objeto de maior uso quotidiano, por todos nós.

E cá estamos de novo em Setembro

Foram 60 dias intensos, de Época Balnear de 2021.

Começamos no início do ano com as obras no Café /Snack-Bar "O Moinho", no qual nos propusemos, aumentar o espaço interior para o público, criar casas de banho, modernas e funcionais, e uma cozinha ampla com todos os equipamentos, com que a pudemos dotar, para que no todo, cumprisse a sua obrigação de ser um espaço de convívio, de conversa, e de comida, um espaço há muito esperado, quer pelos nossos associados, quer pelo público em geral.

A preparação do início da época, envolve sempre uma grande azáfama, mas estamos cá para isso. Fazer o melhor que conseguimos para levar este "ex-libris" da nossa terra, além fronteiras da nossa União de Freguesias.

No dia 29 de Junho, abrimos o Parque das Piscinas- A campanha de marketing, começa a dar os seus frutos.

Os telefones tocam a saber informações, a reservar as "zonas de conforto", a fazer as mais diversas perguntas, e nós que atendemos estas chamadas, sempre a informar tudo o que possível, e que este

ano, já temos também um espaço de restauração novo e funcional. Era ver chegarem as famílias, com os seus filhos, uns com geleiras e sacos de comida, para que ao almoço possam desfrutar do pic-nic, na nossa área de lazer, outros que iriam a casa comer e outros ainda que no Moinho acabavam por ficar.

Era mergulhos, atrás de mergulhos que as crianças davam até quase ao fim do dia, enquanto os mais velhos se deleitavam a apanhar sol nas nossa espreguiçadeiras.

E quando o dia acabava, as crianças e os mais velhos, derretiam-se na companhia do gelado, sempre da OLÁ.

Durante a semana, como era enternecedor para nós, ver entrar pelo portão dezenas de crianças dos ATL's, que de mão dada e olhos brilhantes, esperavam saltar para dentro das piscinas. Uns almoçavam por cá, e outros saíam antes do almoço.

No ano passado não foi possível, mas este ano a vertente Social da nossa associação, teve o seu auge.

Este ano, ficámos a saber de onde os nossos visitantes desconhecidos vinham, e deparámo-nos com grandes surpresas.

Vieram de Lisboa, Loures, Sintra, Azambuja, Alcoentre, Aveiras, Cartaxo, Santarém, Caldas da Rainha, Peniche, São Martinho do Porto, Almeirim, Alpiarça e até do Porto. Ok. Moravam no Porto mas estavam a passar férias em Aveiras. (também não queriam mais nada, virem da Invicta), além da Vila da Marmeleira, Assentiz, Arrifana, Albergaria e Rio Maior.

Todos os nossos visitantes e associados, ao chegarem eram recebidos pelo Paulo e pela Margarida, os quais estavam ao dispor para esclarecer qualquer dúvida, que lhes fosse colocada.

E passado o "lava-pés", quem lá estava? A nossa Carina, a Diretora Técnica em quem confiamos e a Nadadora Salvadora encartada, que sempre vigilante, nunca deixa nada fora do seu controle.

Foi ela, que iniciou as Aulas de Natação, com algumas crianças dos ATL's, que criou momentos de brincadeira e jogos aquáticos, que convidou para o último dia, as quatro meninas que entretiveram todos com as suas danças, e no fim "O Abraço à Piscina", todos à volta da piscina e no final da contagem decrescente, Catrapum.... todos para dentro da Piscina.

E foi assim, o **MELHOR ANO DE SEMPRE.**

Obrigado a todos os Amigos.

E no próximo ano, cá estaremos de novo, e se possível melhor. É a nossa PROMESSA.



ENTREVISTA A CARLOS PEREIRA

HISTORIADOR E ARQUEÓLOGO DA CÂMARA MUNICIPAL DE RIO MAIOR



A conservação do património social e cultural da Vila da Marmeleira, na qual se enquadra o património edificado é, seguramente, um dos principais temas que aqui gostaríamos de debater. Numa época em que muito das suas características mais relevantes, enquanto urbe, se começam a esbater por força da degradação de parte significativa da edificação existente, edificação essa, existente há perto de um século, parece-nos essencial uma tomada de consciência individual e coletiva, assim como nos parece importante a definição de uma estratégia a seguir, que permita, senão recuperar a totalidade dos edifícios em ruínas, pelo menos não deixar que aqueles que começam a apresentar sinais claros de degradação sigam o mesmo caminho.

Para tal, convidámos Carlos Pereira, historiador e arqueólogo, para nos dar a sua opinião sobre este assunto. Licenciado em História, é responsável pela Área da História e Arqueologia do Município de Rio Maior, onde trabalha desde 1983. Mais poderíamos dizer sobre este nosso entrevistado mas, para o definirmos de modo singelo, conforme seu desejo, utilizaremos a própria expressão sobre quem é: “um natural, convicto e inveterado Riomaioense”.

NGAVM – Caro Amigo Carlos, com as nossas saudações e agradecimentos pela disponibilidade em responder a algumas perguntas do “Notícias”, vimos questioná-lo sobre um assunto em relação ao qual é reconhecidamente “expert”, desviando-o da sua atenção à Casa Senhorial e às Ruínas Romanas Riomaioenses.

Como deve estar lembrado, há alguns anos, entabulámos certas conversas sobre a riqueza da edificação urbana da Vila da Marmeleira, principalmente da edificação que ainda resta, construída no final do séc. XIX, princípio do séc. XX. Pensa que o que aqui encontrou ainda tem relevância e que se deveriam estabelecer critérios para a sua manutenção?

CP – *De facto, a Vila da Marmeleira possui um dos centros históricos mais bem preservados do nosso concelho e deve, sem dúvida, ser feito todo o esforço necessário para o manter coeso e atractivo como forma de incentivo ao desenvolvimento local, cativando a sua visita por parte de turistas e outros grupos. Poderíamos, com arte e engenho, potenciar uma oferta patrimonial e, eventualmente, ter uma espécie de Óbidos do séc. XIX e XX, associando o edificado a outra oferta local a desenvolver ou a recuperar (antigas tabernas, mercearias, etc.).*

Penso que é um potencial que bem gerido, identificado e promovido pode ser uma mais-valia importante e dar um novo fôlego a uma terra que outrora foi vibrante e rivalizava, em termos socioeconómicos, com as restantes comunidades da região.

Um edifício que não faz parte deste conjunto, mas apesar de inacabado é uma peça bastante interessante a integrar num circuito de visita ao património Marmeleirense, é o de inspiração nos trabalhos de Óscar Niemeyer.



NGAVM – Nesse sentido, que estudos deveriam ser efetuados e por quem, de modo a que fossem estabelecidas regras que permitissem uma preservação e harmonização neste tipo de arquitetura urbana, existente na nossa Vila?



CP – O elemento base de todo o trabalho seria o levantamento, caracterização e descrição do edificado, nos seus variados elementos (apontamentos decorativos péticos ou de argamassa, ferro fundido, madeira, cerâmicos, azulejaria, etc.), e como os imóveis se estruturam ou definem a malha urbana do centro histórico da Vila da Marmeleira. Com base nesse levantamento podemos lançar as bases para uma intervenção futura, quer no sentido da manutenção, recuperação ou remodelação do edificado. Muitas vezes, de acordo com a função pretendida para o imóvel, basta manter a leitura exterior ou a fachada e reformular todo o interior de acordo com o objectivo para o imóvel.

Este estudo/levantamento deverá ser realizado por técnicos da área da História e História da Arte.

Aqui integramos desde os edifícios mais burgueses aos mais humildes, assumindo que todos eles marcam as vivências de uma comunidade.



NGAVM – Em seu entender, o que considera uma urbe rural, verdadeiramente típica, em termos estruturais, cores, etc., da região ribatejana, e particularmente da nossa zona, de forma a enquadrar os edifícios atrás referidos?

CP – Não existe uma arquitetura dita típica rural, de uma forma pura e linear, a construção de um imóvel, em outros tempos, dependia muito do poder económico do seu promotor e dos materiais disponíveis na área.

Ao longo dos séculos a estrutura arquitetónica foi condicionada pelos regimes climáticos e, por isso, em áreas de neve temos telhados com uma inclinação acentuada, no centro telhados com uma pendente média e, por exemplo, no Algarve a presença de açoteias como telhado, sendo que o regime pluvial é muito menor do que nas regiões do centro e norte.

Podemos caracterizar um modelo de opções que são adotadas mas não podemos constituir

uma regra, porque de região para região ou de aldeia para aldeia vamos encontrar diferentes soluções adaptadas aos materiais ou ao gosto da comunidade.

Nas casas mais ricas vamos encontrar a aplicação de materiais e outras soluções que podem ter sido trazidas de observações de viagens e, como forma de demonstrar a posição social, são aplicadas afirmando um status ou uma ruptura com os cânones mais conservadores.

NGAVM – Infelizmente, como se pode verificar, parte dessas construções têm vindo a degradar-se pela falta de cuidados de manutenção (ou falta de capacidade financeira) dos seus proprietários. Embora, atualmente, já exista o ARU estabelecido para a Vila da Marmeleira (plano de apoio à reconstrução em zona histórica), parece-nos difícil que se possa tirar proveito, com dimensão suficiente, de modo a atingirem-se os objetivos pretendidos. Tem conhecimento de outros apoios a nível municipal ou estatal a que seja possível recorrer? Se não, “vestindo a camisola” da defesa da identidade própria e da caracterização urbana específica da Marmeleira, que iniciativas tomaria?

CP – Não conheço outros apoios ou programas, particularmente por nunca ter intervindo neste tipo de situação. No caso particular de se actuar no edificado temos como problema primordial deste, na sua maioria, ser privado, logo difícil de intervir por não existir enquadramento legal que permita uma participação directa do poder local sobre o mesmo.

O papel de uma autarquia passa por campanhas de sensibilização para a preservação, reabilitação ou remodelação do edificado e as mais-valias que o mesmo pode trazer, quer em questões de maiores condições de habitabilidade ou de oferta turística.

Outra possibilidade de um apoio efectivo, ideia que defendo há muitos anos, seria existir um gabinete técnico de apoio aos proprietários, sem condições ou com dificuldades socioeconómicas que, sem custos, fornecesse/realizasse o projecto, desse apoio na sua execução, isenção de taxas do mesmo desde que se trate de preservar ou adaptar o existente, neste caso poderia ser alargado a qualquer caso de reabilitação.

O custo do projecto, licenciamento e acompanhamento pode ser um custo que inibe a recuperação e, eventualmente este tipo de apoio pode ter um efeito positivo na preservação do nosso património construído.

NGAVM – De ano para ano, somos confrontados com o aumento do número de ruínas (sem serem romanas), verificando que apesar do esforço das entidades oficiais para travar essa degradação, poucos são os resultados nesse sentido. Se, em vez de arqueólogo, fosse “autarca” numa terra com este tipo de problemas, que medidas tomaria com carácter de urgência?

CP - É uma questão complexa porque se trata de propriedade privada, logo inacessível à actuação directa das autarquias. Mesmo com coimas ou notificações para zelar será sempre difícil intervir, porque muitas vezes desconhecem-se os herdeiros, os custos são elevados e o proprietário não possui condições para a manutenção e, com estes e outros factores, assistimos ao desinteresse e abandono, com conseqüente degradação dos imóveis, por parte dos proprietários.

Algumas das medidas que tomaria estão plasmadas na questão anterior, isenção de taxas, cedência e apoio na execução do projecto de reabilitação, serão as que, penso, estarão mais próximas das atribuições de uma autarquia.

NGAVM – Para além dos edifícios, também há os arruamentos. Não sendo a Marmeleira uma terra que se foi desenvolvendo com um crescimento “em linha”, como tantas outras, em espaços vizinhos de uma via rodoviária de muito movimento, mas sim “em colmeia”, será que podemos considerar, pelo menos na zona mais antiga, que as ruas são parte integrante desta estrutura secular que deverá ser preservada? O que deverá ser feito para manter as suas características? Ou então, o que não deverá ser feito para que não se descaracterizem?

CP – Muitas vezes o conforto atual, na mobilidade, não é compatível com o que seriam os arruamentos antigos, na sua maioria toutvenant, terra ou calçada.

A rede viária, num centro histórico, deverá ser respeitada porque é intrínseca ao esquema do edificado, mas em termos de pavimento, terá sempre de existir um compromisso entre o hoje e o ontem podendo coexistir áreas de circulação em calçada nuns pontos, com pavimento de

asfalto noutros.

NGAVM – Estas parecem-nos ser algumas das perguntas pertinentes sobre um urbanismo que não rejeite a história e as tradições da nossa localidade. Tendo isto em atenção, gostaria de nos dar outras sugestões, opiniões e/ou ideias sobre esta matéria?

CP – Como últimas palavras, a par do urbanismo, deverá ser criada uma oferta a nível cultural, restauração, plano de pormenor, criação de rotas exploratórias do património edificado, paisagístico e cultural, de visita, aproveitando todo o potencial da Vila da Marmeleira.

Com a comunidade local manter as ruas limpas, e recuperar a tradição das nossas avós que primavam em ter as melhores flores da vizinhança, e, tendo as ruas, portais, janelas e varandas floridas, tudo isto vai tornar a Vila da Marmeleira um espaço mais agradável de visitar e explorar.

O recuperar de antigas tradições caídas em desuso (como a procissão noturna com as caracoletas como candeias), um evento que remeta a Vila da Marmeleira ao princípio do século XX, tendo como mote o Senador Varela e a Primeira República, com mercado rural, a reabilitação das antigas tabernas e mercearias, um evento evocativo à fundação da Igreja, encontro de bandas ou de música contemporânea, etc.

Existe muita coisa que pode ser feita, isto são apenas algumas ideias, mas o essencial é que os Marmeleirenses queiram participar e fazer a mudança. Sem a comunidade envolvida e motivada pouco poderá ser feito.

Este é o meu humilde contributo, espero que possa ter respondido de acordo como o pretendido e contribuído para refletirem sobre uma das terras mais interessantes do nosso Concelho.

NGAVM – **Aqui ficamos por hoje. Esperamos que esta entrevista possa servir para início da tão desejada reflexão sobre como preservar o património arquitetónico local, aguardando, por parte de todos, um olhar crítico positivo sobre esta questão.**

Apresentamos-lhe, mais uma vez, Amigo Carlos Pereira, a nossa gratidão pela disponibilidade e simpatia demonstrada, esperando que esta abordagem lhe desperte o desejo de nos voltar a visitar brevemente.

Coisas do Passado até ao Presente

“A História dos Telemóveis em Portugal e no Mundo

Em abril de 2021 assinalaram-se os 48 anos desde que foi realizada a primeira chamada de telemóvel em todo o mundo. Esse momento histórico decorreu em Nova Iorque, no dia 3 de abril de 1973, mas desde então um longo caminho foi percorrido. Em Portugal a história do telemóvel, plena de sucesso (de momento existem perto de dois telemóveis por cada português), começa a desenhar-se nos anos 90, e tem sido marcada por vários momentos históricos. “Entre a borda da máquina do tempo” e venha saber como é a história do telemóvel...

Quando, em 1877, foi feita a primeira chamada telefónica em Portugal, ligando Carcavelos e Lisboa, ninguém imaginaria que um século e meio depois quase todos os portugueses estariam a telefonar uns aos outros.

Ainda para mais com a liberdade de o fazer em qualquer lugar, não apenas falando mas também usando os dispositivos para videochamadas e navegar pela internet com tarifários sem custos adicionais para esses serviços. Mas essa é a maravilha da história do telemóvel, um caso de sucesso que tem vindo a mudar completamente a forma como vemos o mundo...



Em **1973** a 3 de Abril Dr. Martin Cooper, investigador da Motorola, efectua a primeira chamada móvel. O primeiro telemóvel tinha as seguintes características: DynaTAC 8000X (ver imagem), com o preço de 4000 dólares e um peso de quase 1 kg.

O seu Nascimento

A primeira chamada de um telefone móvel foi registada em Manhattan, Nova Iorque, no dia 3 de abril de 1973. Mas o sonho de poder ligar a outras pessoas já tinha começado muito antes. Ainda nos anos 1920 o cientista Eric Tigerstedt (conhecido como o Thomas Edison da Finlândia) patenteou um “telefone de bolso com fino microfone em carbono”. E logo no final da Segunda Guerra Mundial os Laboratórios Bell começam a investigar um serviço para comunicações móveis, pensando na sua utilização a partir dos carros. Voltando à história da primeira chamada de telemóvel, o autor da proeza foi Martin Cooper, que tinha entrado para a Motorola para trabalhar em rádios portáteis para polícias e chegou depois a Chefe de Pesquisas da Empresa. E quem seria o melhor

destinatário para a primeira chamada de telemóvel que Joe Engell, que ocupava o mesmo cargo de Cooper mas nos Laboratórios Bell, rivais da Motorola nesta investigação?

A chegada dos telemóveis ao mercado

Foi, no entanto, preciso esperar até ao final dessa década para se assistir ao início das vendas dos telemóveis. Os japoneses deram o pontapé de saída, em 1979, e o primeiro telemóvel à venda em todo o mundo foi o Dyna-Tac 8000. Aos dias de hoje, este seria considerado um verdadeiro “tijolo”



Durante os primeiros anos as redes eram conhecidas como 1G, totalmente analógicas. E os telemóveis começaram a surgir principalmente nos carros, até pela necessidade de carregamento das suas baterias. Esta questão começou a ser resolvida no início dos anos 90, com o surgimento das baterias de iões de lítio em 1991, permitindo usar os telemóveis com menos restrições. E se nos primeiros anos, entre 1983 e 1998 foi a Motorola a liderar as vendas, a partir desse ano surgiu em primeiro lugar a Nokia. Mas também o gigante sueco acabou por ser superado, e desde 2012 que é a Samsung a líder mundial de vendas de telemóveis.



Em **1991** devido ao congestionamento de frequências, forçou a indústria a estudar alternativas tecnológicas. Surgindo a tecnologia TDMA Interim Standard 54.

Em **1992** foi enviada a primeira SMS.

Dos antigos telemóveis aos Smartphones

Se durante os primeiros anos da ascensão dos telemóveis as suas principais capacidades eram fazer chamadas, enviar SMS e tirar fotos de baixíssima qualidade, tudo isso começou a mudar nos anos 2000. Especialmente a partir de 2007, quando o lançamento do primeiro iPhone, com o sistema operativo iOS, deu protagonismo às capacidades dos telemóveis mais avançados e inteligentes (por isso designados de smartphones). Quando no ano seguinte é lançado o primeiro telefone com sistema Android, da Google, estava dado o mote para a guerra que tem animado o mercado nos últimos anos.

A verdade é que a primeira aproximação entre telefones e computadores já vem de longe, e com origem num dos nomes mais famosos da ciência do Século XX. Afinal, em 1909 já Nikola Tesla fazia investigações nesta área. O primeiro protótipo do que se pode considerar uma aproximação aos smartphones surge em 1971, por Theodore Paraskevakos, e o primeiro modelo comercializado é dos anos 90, o IBM Simon. Nessa época começam a ganhar notoriedade os PDA, que já usavam ecrãs táteis e capacidades de software mais alargadas, mas ainda muito longe do que são as principais características dos atuais smartphones.



Algumas capacidades que distinguem os Smartphones

- Ecrãs interativos, de alta capacidade como HD e 4K;
- Hardware de grande capacidade;
- Sistema operativo para utilizar diversas aplicações. 97% dos dispositivos usa atualmente os sistemas Android (Google) e iOS (Apple) que permitem descarregar dispositivos das lojas Google Play e App Store;
- Conexão à internet de alta velocidade por via wireless, tanto nas redes físicas (Wi-Fi) como nas redes móveis (Dados Móveis);
- Grande capacidade de memória, extensível por cartões Micro SD;
- Câmaras fotográficas de altíssima definição;
- Sincronização com contas de mail e com os computadores;
- Capacidade de fazer pagamentos e outras tarefas através dos dispositivos.

Problemas associados ao uso dos Smartphones

O crescimento dos smartphones tem também levantado, no entanto, alguns desafios à sociedade. O mesmo acontece, por exemplo, com os computadores. Um problema partilhado por estes dois dispositivos é a adição dos utilizadores, que se podem alhear de tudo o que os envolve. Associado a esta situação existe outro problema, relacionado com o tráfego automóvel. Em primeiro lugar porque os condutores distraídos a usar os smartphones causam mais acidentes. Em segundo lugar, porque tem sido constante o crescimento das estatísticas de atropelamentos de peões distraídos a usar os seus telemóveis.



Outra questão importante tem sido levantada em torno da segurança. Especialmente porque, com as ligações a redes com baixos níveis de proteção (permitindo aos hackers aceder aos dispositivos) abrem a porta ao roubo de dados importantes. Sabendo-se que muitos usam os smartphones para pagamentos bancários e inserirem dados pessoais em diversas plataformas (e redes sociais), a necessidade de elevar os padrões de segurança dos smartphones tem sido uma preocupação constante.

Por fim, a questão da reciclagem dos smartphones em fim de vida é ainda um problema ambiental em diversos países. Nestes dispositivos existem diversos metais pesados, pelo que é necessário seguir procedimentos específicos para os reciclar, de acordo com a diretiva WEEE (Waste Electrical and Electronic Equipment Directive).

A história do telemóvel em Portugal - Os primeiros anos

No final dos anos 80 existiam cerca de 2000 telemóveis registados em Portugal, num serviço gerido pelos CTT-TLP. Mas o primeiro grande impulso a esta tecnologia é dado em 1991, quando surge a TMN (indicativo 96, entretanto deu origem à MEO), que ganhou no ano seguinte a companhia da Telecel (indicativo 91, que depois se transformou na Vodafone), lançada no dia 18 de outubro de 1992.

Em 1993 são dados passos importantes para a afirmação do telemóvel. Em primeiro lugar, porque surge no mercado o Ericsson GH172, apresentado pela Telecel como “o primeiro telefone verdadeiramente portátil”. E também porque nesse ano surge o primeiro telemóvel com preço inferior a 100.000\$ (o equivalente a 500€).



A história do telemóvel em Portugal - Modelos que marcaram os primeiros anos

Durante a década de 90 os telemóveis ganharam progressivamente peso no mercado, e no ano 2000 mais de 6 milhões de portugueses tinham um destes dispositivos. Era a altura em que lideravam o mercado alguns modelos que ficaram na história. O Nokia 3310 foi, provavelmente, o mais marcante, e custava 26.900\$ em 1999.

Mas também foram muitos os que fizeram chamadas e SMS com os Siemens C35, Motorola Star Tac, Ericsson T10, Alcatel One Easy Touch e Samsung SGH-5500. Ainda se lembra deles?



O Nokia 3310 é, provavelmente, o mais famoso entre os telemóveis antigos. Mas modelos como o Alcatel One Easy Touch, o Motorola Star Tac, o Ericsson T10 e o Siemens C35 são outros modelos antigos que ficam na história dos telemóveis.

A história do telemóvel em Portugal - Momentos marcantes

Há serviços que ficaram para a história durante a fase de implementação dos telemóveis. Por exemplo, as SMS (lançadas no mercado pela Optimus, terceira operadora nacional, que foi fundada em 1998 e deu depois origem à NOS), que permitiam a muitos especialistas em 'texting' estar a mandar mensagens sem sequer olhar para o telemóvel. Uma arte que veio tornar obsoletos os pagers e que teve tendência a desaparecer com os touchscreens.

A Vodafone, que veio ocupar a vaga da Telecel, tem responsabilidade em outros momentos marcantes, como o lançamento das MMS e do serviço para ver TV no telemóvel em 2002. Quando aos smartphones, que dominam atualmente o mercado, começam a surgir em 2008 com o iPhone OS 2, para no ano seguinte ser lançado o HTC Magic, o primeiro dispositivo em Portugal com o sistema Android. O ecrã era de 3,2", tinha já acesso ao Gmail e Youtube e oferecia uma câmara de 3,2 MegaPixels.

Portugal teve também, a nível de mercado, momentos marcantes na história do telemóvel. Um dos mais importantes foi quando, em 1995, a TMN lança o Mimo. Este foi o primeiro serviço de telemóvel pré-pago em todo o mundo, e marcou uma nova visão para a comercialização destes produtos. Esta operadora foi também a terceira a nível europeu a oferecer um serviço de videochamadas, no ano de 2004.

A história do telemóvel é uma narrativa que tem sido escrita a uma velocidade vertiginosa. E bem longe vão os anos em que as pessoas andavam com o telefone pelo ar à procura de "mais uma barrinha de rede".

Para se perceber a velocidade desta evolução basta recordar que em 2017 já existiam 1 milhão de hotspots da NOS em todo o país, e corria o ano de 2018 quando foi ligado pela primeira vez um telemóvel a uma rede 5G.

A história do telemóvel em Portugal - O Momento atual

Para se perceber o impacto dos telemóveis em Portugal basta olhar para as estatísticas do sector em 2019. Começando pelos dados das vendas, que indicam um total de 890 milhões de euros gastos em Portugal na aquisição de 2,5 milhões de smartphones.

O preço médio foi 341€, valor que sobe para os 806€ quando falamos dos dispositivos da Apple, os iPhone. Mas a marca da "maça" está apenas em terceiro lugar no ranking de vendas nacional, com 12,5% do mercado. À sua frente está a Huawei, com 28,9% de quota, surgindo em primeiro lugar a Samsung, com 31,8% das vendas.

Nos dados acumulados, verifica-se um total de 171 telemóveis registados por cada 100 habitantes, embora apenas 120,9 com utilização efetiva. E destes, há 7,5 milhões que são usados para aceder à internet móvel, gastando cada telemóvel, em média, 3,8 GB de dados móveis por mês. Além disso, cada português faz 204 minutos de chamadas e envia 103 SMS por mês.

Relativamente aos operadores, é a MEO que domina o mercado, sendo responsável por 41,9% dos serviços. Em segundo lugar surge a Vodafone, com 30,2% dos assinantes. Depois surge a NOS (25,4%) em terceiro lugar e a NOWO que, apesar de ter somente 1,5% da quota mantém bons índices de crescimento graças aos preços mais baixos do mercado.

A história do telemóvel em Portugal - Os anúncios que fizeram história

TMN - "Mais Perto Do Que É Importante"
Telecel - "Onde Você Estiver, Está Lá"
Telecel (1995) - "Tou Xim, É Para Mim...".
Optimus - "O que nos liga é Optimus."



in ".comparamais.pt"